

A TRADIÇÃO DE ROMA NA LITERATURA ITALIANA

Trecho do discurso do sr. Dr. Augusto do Castro na sessão da Academia das Ciências de Lisboa em homenagem à Reale Accademia d'Italia.

Roma não é uma cidade que se esqueça: ela tem misteriosos sortilégios que nos ficam ligados para sempre. O seu encanto, feito duma penetrante mistura de vida e de morte, povoado de ruínas e de imortalidade, de grandeza e de sombra, tem um estranho e contraditório poder de ardor e de paz que consome e não se apaga. O grande Liszt ao partir de Roma, escreveu: « não deixo Roma; levo Roma comigo ». Como Liszt, o eremita do Monte Mário, que os seus biógrafos chamaram o « Fra-Angélico da música », eu posso dizer que nunca deixei Roma.

Desde que a imensa e profunda alma romana me tocou, eu trago Roma comigo. Cidade sobrehumana onde tudo, desde o Sol até às ruínas, das fontes às catedrais, dos palácios à purpura viva das colinas, da história à paisagem, tem a ressonância do bronze; a sua lição soberba e inebriante, dos louros do Janículo ao silêncio das catacumbas, tem um estranho e indelével poder de profundidade espiritual.

Em tôdas as outras cidades do Mundo, o homem domina a cidade, que êle criou. Em Roma, a cidade

de flancos imortais, domina o homem mortal. O Efemero não tem a palavra em Roma. A voz das coisas, como a alma humana, é, do Tibre aos Montes Albanos, clarão e espaço. Ainda hoje, quando recordo Roma, fechando os olhos, é insensivelmente luz que vejo primeiro — e só depois o vulto e a imagem. Roma é luz corporizada, luz moldada em pedra, luz transformada em espírito, luz em cupulas, luz em fonte, luz em mármore e em pó, luz em sombra e em som.

Sem essa evocação do sortilégio romano, é impossível compreender a Itália de hoje — e creio mesmo que seja impossível compreender a Itália de todos os tempos. Abstraindo da Itália romana, mesmo quando a Itália mutilada viveu, dividida e dominada — mesmo na Itália da Renascença, a influência esparsa de Roma explica a história da península.

A perpétua renovação espiritual da Itália e a sua universal projecção receberam de Roma o seu clima histórico. Que importa que Miguel Angelo fôsse um florentino? A sua arte, como a sua alma são romanas. Que importa que Cavour fôsse um piemontês? A sua obra e a sua figura de construtor nacional são romanas. Garibaldi é um romano, de espírito. Mussolini é um romano, de estirpe. A raça não é o sangue; é o espírito.

Essa sombra imensa de Roma explica, ainda, a espécie de incompreensão que nunca deixou de existir na Europa e no resto do Mundo, da literatura e do espírito italianos. A literatura italiana foi sempre, como ainda hoje é, não uma literatura de escolas e de correntes, como as literaturas francesa e alemã — mas uma literatura de grandes isolados.

Essa virtude do isolamento, que é uma expressão de força, cria, em Itália, frequentes vezes, o Génio, mas impede-a sempre de fundar a escola. Quando, de longe, olhamos a literatura italiana, ela aparece-nos como um panorama de grandes cimos, de cumes espirituais — não uma paisagem seguida, quasi ajardinada, como é o génio literário da França.

Dai vem a incompreensão crítica da Europa. Os grandes homens de letras aparecem à cultura europeia não, em regra, no aspecto dominante, essencial, profundo do seu génio — mas pelas facetas geralmente episódicas e superficiais da sua obra. Boccaccio, que foi um dos grandes obreiros da Renascença, é considerado fora da Itália como um novelista libertino. Petrarca, que foi o grande humanista e o poeta nacional da Itália do século XIV, aparece à crítica europeia apenas como um grande sonetista amoroso, um simples artista verbal. Quem conhece na Europa Leopardi como o máximo poeta clássico do século XIX? Visto de longe, Leopardi, é apenas um poeta choramingas e pessimista. Quem conhece D'Annunzio como o grande poeta imperial que foi? A Europa, aparte o episódio político, heróico, mas confuso, de Fiume, apenas conhece D'Annunzio, pelo exotismo da sua fantasia de romancista da sensualidade ou pelo seu teatro neo-romântico estilizado. Há « D'Annunzianistas » fora da Itália. Não conheço um só na Itália.

Este horror à etiqueta, esta inaptidão à subalternidade e à cópia do discípulo são uma das forças, uma das características e, se quiserem, uma das fraquezas da literatura italiana. Mas são uma das virtudes do

seu clima romano — quero dizer, da formação, em altitude, do génio peninsular.

Assim se explica a ausência de uma tradição literária académica na Itália. A Real Academia é uma criação recente do Fascismo e obedece ao pensamento de Mussolini de dar à Itália, unificada apenas politicamente por Cavour, uma unidade nacional e espiritual romana.

Essa obra de unificação literária tem um alcance maior do que à primeira vista possa supôr-se. Porque se a inspiração de Roma existiu sempre, latente, como um sangue vivificador e criador, na alma e no génio italianos, a verdade é que, sob o ponto de vista expressão — o excessivo individualismo e a dispersão linguística da obra literária italiana, constituíam, no conjunto, um obstáculo à universalidade da sua projecção e à sua própria eficiência nacional. Em literatura, o nacionalismo levado ao extremo produz o regionalismo.

A vida literária italiana, confinava-se em províncias: uma literatura de expressão lombarda, com Manzoni, ligure com De Amicis; uma literatura toscana que vai de Carducci até às fortes e impressivas personalidades de Papini e Ojetti; veneziana com Fogazzaro; romanhola (como romanholo é Mussolini) com Panzini e Beltramelli; napolitana com De Giacomo ou Matilde Serao — uma literatura da Calábria e dos Abruzzos com D'Annunzio, Pirandello, Grazia Deledda e Rosso de San Secondo.

O mapa literário da Itália era excessivamente geográfico. No teatro, a literatura tornara-se dialetal. A tradição romana unificara sempre o génio da Itália;

mas não unificara a sua expressão, a sua irradiação, a sua forma verbal. A Real Academia de Itália recebeu essa missão e recebeu ainda a não menos importante de dar a uma das mais fortes, mais originais, mais renovadoras literaturas do mundo, a hierarquia nacional que ela nunca tivera num país dominado pela idolatria das artes plásticas e rítmicas.

Saüdando, pois, a Real Academia de Itália, nós estamos certos de saüdar não apenas uma grande força nacional, mas uma das forças nacionalistas italianas, no sentido mais alto e nobre que o nacionalismo possa ter. Estamos certos de saüdar não apenas o Espírito italiano, no que êle tem (na ciência, na arte, ou na literatura) de mais representativo — mas a própria juventude perpétua, que é o apanágio, o símbolo, o coroamento da Imortalidade da Itália.

Se, por um absurdo cósmico ou histórico, a Itália desaparecesse do Mundo, a palavra Primavera deixaria de ter um sentido histórico e espiritual — creio mesmo que deixaria de ter um significado humano. Em toda a parte onde passou um sôpro de Abril, um perfume de amor ou clarão de alvorada, passou a Itália em flôr, passaram a graça, o sol, a mocidade de que o génio italiano é e sempre foi o intérprete imortal, ou passaram a força, a luz, a claridade divina, que a alma de Roma há dois mil anos projecta sobre o Mundo.

Tive sempre o pudor das grandes imagens, o horror às alegorias declamatórias e um conhecimento instintivo, creio que bastante vivo, graças a Deus, das realidades — e da minha própria realidade. Não desejo, pois, perder o sentimento das proporções. Mas há qual-

quer coisa que imprime neste momento à minha voz uma comoção dificilmente traduzível, uma confusa mas íntima vibração de espírito, ao pensar que desta tribuna — não pela minha modesta palavra demasiado pequena para esta sala, mas pelo prestígio desta velha Academia — a mais antiga civilização atlântica da Europa sauda na Academia de Roma a mais gloriosa civilização mediterrânea — onde há vinte séculos se forjou no bronze e no sol a alma Ocidental de que nascemos e que daqui partiu, Águia e Cruz de Cristo, para os confins da Terra.

AUGUSTO DE CASTRO
da Academia das Ciências